

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA E O PROBLEMA EDUCACIONAL NO BRASIL

OSSIAN LIMA

A era tecnológica ocasionou uma série de modificações nas sociedades contemporâneas. A comunicação passou a ser vista numa perspectiva antropológico-cultural, com reflexos nas diversas instituições sociais (inclusive a educacional). Nesse sentido foi que Edgar Morin iniciou seus estudos sobre a *cultura de massa*. Esta caracteriza-se pela destruição (até certo ponto) da axiologia tradicional e pela integração das massas nos tipos de cultura difundidos pela moda e sugeridos pela indústria de bens de consumo. Voltemos, porém, ao mestre francês, que explica as suas interessantes teorias: "Procurarei explicitar de início este termo cultura de massa afirmando que nos meios onde é empregado ele possui, geralmente, uma significação convencional. É mister lembrar que essas duas palavras (cultura e massa) são traduzidas do americano, porque foi nos E.E.U.U. — antes da Europa — que se desenvolveu, através disso que chamamos *mass media* (imprensa, rádio, cinema, televisão), uma espécie de realidade nova a que os sociólogos americanos denominaram, por estranho neologismo anglo-latino, *mass culture* divulgada através de técnicas de difusão em massa e dirigida para uma massa social.

"No emprego que dela faremos, é necessário entender a palavra *massa* num sentido pleno e múltiplo e, não, no sentido de massas populares, termo demasiadamente estreito e que, além disso, já faz parte do vocabulário político e social da linguagem francesa tradicional." (1)

(1) — MORIN, Edgar. Da cultura de massa à busca do novo humanismo. R. Com. Social, Fortaleza. 1(1):3-20.

Desse modo, os educadores vêm percebendo, de uns tempos para cá, a relação até mesmo indiscutível, axiomática, da educação com a comunicação social. Na verdade, a educação tende a se tornar uma auto-educação, ou seja, um processo educativo em massa, em que os professores cederão o papel de informadores aos meios de comunicação de massa (rádio, televisão etc.).

É indiscutível também a importância da educação no processo desenvolvimentista. Outra verdade que não é menor: a necessidade de uso dos meios de comunicação (aqui, nem sempre como *mass media*) na educação. Isto, não somente neste ou naquele país, mas em todo o mundo.

No presente trabalho, todavia, trataremos apenas da situação brasileira que, além de nos interessar mais de perto, apresenta boas perspectivas de mudança.

Importância da educação para o desenvolvimento — Hoje, principalmente, a educação aparece como a verdadeira base do desenvolvimento. É o que podemos deduzir das palavras do prof. José Arthur Rios: “Como fazer para assegurar o êxito do desenvolvimento? Há diversos caminhos e um deles, sem dúvida, é a educação. É este um instrumento capaz de integrar o indivíduo na sociedade através de uma união entre a ação consciente do educador e a vontade do educando. Nesta se dá não só a transmissão dos conhecimentos, mas cria-se, ao mesmo tempo, uma mentalidade e através desta pode-se estimular a consciência do desenvolvimento e motivar a capacidade criadora indispensável para instaurá-lo com os requisitos necessários.” (2)

Assim, a educação melhora as aptidões das pessoas, fixa padrões éticos e profissionais. Motiva a capacidade de trabalho, de que depende o desenvolvimento de um país. Diversas potências atingiram o estágio atual, graças, em parte, aos seus sistemas educacionais. Mesmo no caso do Brasil, temos os exemplos de alguns Estados (São Paulo, Rio etc.). Portanto, a educação pode evitar o atraso cultural, transmitindo novas formas de vida e aumentando a sua aproximação com a comunidade. Afinal, tem de ocorrer a vinculação do desenvolvimento à educação e vice-versa, numa reciprocidade essencial.

A educação no Brasil e os meios de comunicação — Durante muito tempo — desde a época do ensino jesuíta, passando pela influência francesa — a educação brasileira foi fortemente influenciada por outros países mais adiantados, deles copiando técnicas educacionais muitas vezes inadequadas às nossas reais condições. Dessa maneira, esteve durante séculos divorciada da realidade sócio-econômica do País. Entretanto, nas últimas décadas, tiveram

(2) — LOPES, S. J., Pe. Fco. Leme [et alii]. *Estudos de problemas brasileiros*. Rio, Biblioteca do Exército/Renes, 1970, p. 257.

início os esforços para melhorar a escolarização do povo brasileiro. Houve melhorias, mas que não chegaram a tirar a educação da categoria de setor retardatário no crescimento nacional. Com ela gastava-se pouco (e mal). Somente a partir da década de 60, esse quadro começou a mudar.

Havia sido dada a arrancada para a educação. Iniciaram-se estudos que culminaram com a assinatura, em 11 de agosto de 1971, da Lei 5 692, que propõe a reforma do ensino, apoiada nos seguintes pontos: diversificação do ensino, habilitação profissional do aluno, terminalidade, treinamento de professores etc. Inclusive, o documento assinado pelo ex-Presidente Médici vai solidificar, estruturar algo que vários educadores afirmavam não existir: um sistema educacional no Brasil. Alegava-se que havia três sistemas (escolas primárias, médias e superiores) sem a necessária conexão entre si. Logo, havia uma estrutura mal constituída.

Diante do panorama apresentado, a Lei 5 692 abre novas perspectivas, que envolvem, inclusive, uma tecnologia mais avançada (único meio para a solução do problema educacional brasileiro). Surgem as possibilidades de satelitização com o emprego integrado dos meios de comunicação coletiva (jornais, revistas, livros, rádio, televisão e cinema, segundo o prof. José Marques de Melo). (3)

Mesmo, já se empregam, de há muito, os meios de comunicação (aqui não como *mass media*) no ensino brasileiro. O livro, por exemplo, é adotado desde longas datas. O Ministério da Educação e Cultura possui um órgão responsável somente pelo livro didático, o Fundo Nacional do Livro Didático. Além disso, há o Instituto Nacional do Livro que, desde 1970, vem promovendo a edição de livros em convênio com várias editoras. A meta do I.N.L. é a distribuição, até 1974, de oito milhões de livros didáticos. Tudo isso é uma tentativa de facilitar a aquisição do livro escolar. Embora haja com relação a ele um outro problema muito discutido: o seu conteúdo não é satisfatório. No entanto, procedem-se a inovações de forma e fundo nos livros atualmente destinados a escolas, principalmente as de nível primário e secundário, onde é evidente a necessidade de motivação.

O cinema é outro meio de comunicação cuja utilização na escola está crescendo. A aquisição de projetores vem aumentando nos estabelecimentos escolares e, para atender às necessidades pedagógicas, inicia-se a produção de filmes adequados ao ensino, portanto, sem características comerciais. Enquadram-se nessa categoria os filmes *Memórias do Cangaço* (Paulo Gil Soares), *Viramundo* (Geraldo

(3) — MELO, José Marques de. *Comunicação social: teoria e pesquisa*. Petrópolis, Vozes, 1971, p. 269.

Sarno), *Condição Brasileira* (série de dezenove filmes de Thomaz Farkas) etc.

Para melhor proveito desse poderoso meio de comunicação, que é o cinema, é indispensável a participação do Instituto Nacional de Cinema, do qual muito dependerá o bom funcionamento dos cinemas educativos que o governo pretende instalar no País. Aliás, o primeiro desses cinemas acaba de ser inaugurado em Recife, aproveitando o prédio do antigo Teatro do Parque.

Jornais e revistas também já auxiliam a educação no Brasil. Em certas disciplinas, eles fornecem informações atualizadas que facilitam a compreensão de assuntos abordados em classe. Mas, é preciso que a publicação de jornais e revistas dessa categoria seja intensificada e melhor orientada. Lamentavelmente, poucas editoras fazem isso e a iniciativa oficial ainda não é suficiente para cobrir o déficit existente.

Com tudo isso, no entanto, a contribuição para a solução do nosso problema educacional cabe principalmente a dois veículos importantes: a televisão e o rádio. Tanto que dedicaremos capítulo especial a cada um deles.

RÁDIO E EDUCAÇÃO NO BRASIL

Não é recente o uso do rádio na educação brasileira. Ele tem sido empregado em diversas campanhas de alfabetização, quer de iniciativa governamental, quer de iniciativa privada. Todavia, tem aparecido até esta data — juntamente com a televisão — mais como veículo de “motivação” do que de “aprendizagem”. Por diversos motivos, não pôde desempenhar com eficiência a sua função educativa. Até bem pouco tempo, as emissoras atuavam sem uma conjugação de esforços. Enquanto uma emissora oficial apresentava um programa educativo de um tipo, uma outra, particular, levava ao ar outro programa totalmente diferente. Para piorar ainda mais, em imensas regiões do território brasileiro (especialmente a Amazônia) o rádio praticamente inexistia. As estações de outros centros brasileiros não eram captadas, tornando-se fácil a penetração de emissoras estrangeiras.

Hoje, porém, se a pessoa sintonizar qualquer rádio, às oito da noite, vai ouvir mais uma aula do curso supletivo do Projeto Minerva. Através de uma rede de emissoras do País, com o apoio técnico da EMBRATEL, o Programa Nacional de Teleducação vem, assim, contribuindo para a educação do povo brasileiro. Estão sendo utilizadas técnicas modernas de comunicação, inclusive em termos de linguagem, além do concurso de vozes conhecidas (Cid Moreira e outros). Tudo isso é apenas o começo de uma melhor utilização do rádio nas nossas atividades educacionais.

A intenção do governo é fazer um aproveitamento eficaz a partir das suas próprias estações, principalmente a Rádio Nacional de Brasília. Há um projeto que prevê o aumento da potência dessa emissora para 500kw. Somente assim ela poderá penetrar em condições perfeitas de sintonia na região amazônica e neutralizar a influência estrangeira através do rádio, esta última prejudicial aos interesses da educação brasileira. Há ainda a vantagem da intensificação da alfabetização na Amazônia. Passa a existir a possibilidade de educação pelo rádio em todos os Estados brasileiros.

São amplas, assim, as perspectivas da educação pelo rádio no Brasil, sobretudo se levarmos em consideração que poderá alcançar a integração com a televisão, na transmissão de programas de ensino. Levará as aulas até onde a TV não penetra. Como meio de provocar o consumo de material de ensino, o rádio encontra mais perspectivas do que a televisão.

TELEVISÃO, O GRANDE MEIO PARA EDUCAR

Uma nova universidade poderá surgir no Brasil. Será em moldes diferentes dos atuais: o aluno receberá textos pelo correio para acompanhar as aulas pela televisão. Trata-se da Universidade Aberta, que, se aprovada, marcará, mais uma vez, a presença da televisão na educação brasileira.

Essa presença já está recebendo o devido reconhecimento. Não foi à toa que, há poucos dias, o Brasil foi um dos vencedores de um festival internacional de televisão educativa, realizado no Japão. No entanto, o fato talvez fosse esperado pelo presidente da FCBTVE (Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa), prof. Gilson Amado: "Talvez o Brasil possa vir a representar, nos dias atuais, em todo o mundo, o laboratório mais importante, o teste decisivo para a avaliação da televisão como serviço de educação, especialmente no que concerne à sua utilização para fins didáticos." (4)

O aproveitamento da televisão (em circuito aberto) como instrumento de educação no Brasil foi iniciado ainda na década de 50. Em 1965, o MEC instituiu a Comissão para Estudo e Planejamento da Radiodifusão Educativa. Em 1967, pela Lei 5 198, foi criada a FCBTVE. Com a ajuda da EMBRATEL e com quase 50 centros, a TVE já está atingindo 70% da população brasileira. Com a exploração dos canais restantes — o Ministério das Comunicações concedeu, desde 1965, mais de 100 canais — poderá alcançar 90% do povo brasileiro.

Nota-se, assim, a expansão que a TVE tende a ganhar no território brasileiro. Conseqüentemente, vai ajudar a preparar o cidadão

(4) — AMADO, Gilson. TVE e a busca de uma filosofia. *Cađ. Jornalismo e Comunicação*, Rio de Janeiro, 28: 22-26, jan./fev. 1971.

de modo mais condizente com a realidade nacional. Em um futuro não muito distante, acredita-se, a TVE poderá alcançar o estágio conseguido em São Paulo, Rio Grande do Sul, Maranhão, Pernambuco e outros Estados. Urge que se consiga essa igualdade, pois as dimensões continentais do Brasil dificultam a educação do seu povo. Cabe justamente à TV a redução dessas dimensões, tarefa compartilhada com o rádio. Teremos, então, um bom índice de desenvolvimento não só na educação escolar, mas também na educação do nosso povo numa perspectiva mais abrangente (cultura de massa).

O PAPEL DOS COMUNICADORES SOCIAIS

A muita gente poderão causar estranheza estas palavras do educador Lauro de Oliveira Lima: "As faculdades de comunicação podem vir a ser, no futuro, as verdadeiras escolas de "formação de professor." (5) Na utilização dos meios de comunicação na educação, o comunicador social ainda não teve a participação que lhe compete. É indispensável que na produção e transmissão de programas (principalmente pela TV) haja uma atuação conjunta de professores e comunicadores sociais.

No funcionamento dos *mass media*, o problema de linguagem é muito sério. Verifica-se a necessidade de conhecer o contexto social em que se encontra o receptor, para que se transmita a mensagem numa linguagem em que ela seja facilmente entendida (decodificada). O professor da TV educativa, por exemplo, poderá ser um *expert* na sua matéria e mesmo conhecer muitas técnicas pedagógicas. Mas — só para dar um exemplo — não lhe faltarão as devidas noções de sociologia ou filosofia da comunicação? É aí que entra a figura do especialista em comunicação educativa de massa, como reconhece o prof. Newton Sucupira, do Conselho Federal de Educação. E a participação do comunicador no processo educacional não constituirá uma intromissão, porém uma colaboração na conjugação de esforços de que falamos, há pouco. Entretanto, para a consecução desse trabalho mútuo, é necessário a introdução de cadeiras específicas de comunicação nos cursos de Educação, como propõe o prof. Fernando Muzzi. Ele sugere várias disciplinas. De nossa parte, acreditamos que bastaria uma: Fundamentos Científicos da Comunicação. Já para o curso de Comunicação Social seria interessante a inclusão, no currículo, de uma cadeira de didática geral, já que os fundamentos pedagógicos da comunicação são essenciais até mesmo para os profissionais que atuam fora da comunicação essencialmente educativa, ou seja, nas empresas comerciais. Essas modificações em ambos os

(5) — LIMA, Lauro de Oliveira. *Mutações em educação segundo McLuhan*. Petrópolis, Vozes, 1971, p. 5.

cursos, respectivamente, seriam feitas, independentemente dos cursos de licenciatura, destinados àqueles mais interessados.

O prof. Arlindo Lopes Correa, da Fundação Getúlio Vargas, é outro que se preocupa com o papel do comunicador social na educação brasileira. Em entrevista concedida à revista *Escola*, declarou: "No momento, é fundamental para o sucesso do trabalho que se desenvolva um intensivo treinamento de pessoas para podermos utilizar com eficiência os modernos meios de comunicação." (6) Realmente, está surgindo uma tendência para o maior aproveitamento dos profissionais de comunicação, principalmente na televisão educativa. No Rio, a TVE do Brasil contratou vários repórteres e noticiaristas, entre os quais, Hilton Gomes e Amaral Netto. Em São Paulo, a TV Cultura conta, entre outros, com Fernando Pacheco Jordão, que já trabalhou no serviço brasileiro da B.B.C. de Londres. Há ainda outros exemplos. Apesar de tudo, espera-se que isso seja apenas o início de uma participação muito maior no futuro.

CONCLUSÃO

Como acabamos de ver, a educação pelos meios de comunicação depende não somente de muitos recursos econômicos, mas também de recursos humanos devidamente selecionados. Constitui-se numa atividade que exige perfeita consciência em torno da realidade social, política e econômica do contexto em que se atua. Para o efetivo cumprimento de suas finalidades deve haver um emprego integral de todos os meios de comunicação. Nenhum poderá ser tido como prescindível ou capaz de funcionar isolado dos demais.

Educar nunca foi trabalho fácil. Fazê-lo com eficácia numa era de profundas transformações se torna ainda mais difícil. Principalmente porque essas transformações se revestem, é óbvio, de um caráter sociológico bem nítido. De uma cultura artesanal tivemos que saltar para a adoção de toda uma tecnologia moderna. E com ela veio uma axiologia nova que influenciou todas as instituições sociais, inclusive a instituição educacional. Por causa dessa influência, a educação reclama a presença de novos elementos, entre os quais, os modernos veículos de comunicação.

B I B L I O G R A F I A

CADERNOS DE JORNALISMO E COMUNICAÇÃO — Editados pelo Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, n.º 28, jan./fev. 1971 — edição dedicada à TV educativa no Brasil.

(6) — Estamos Só no Começo. *Escola*. São Paulo. 0:25, out. 1971.

- COMISSÃO CARNEGIE. *Televisão educativa: um programa de ação*. Rio, Ed. O Cruzeiro, [c.1967]. 231p. il.
- DE FLEUR, Melvin L. *Teorias de comunicação de massa*. Rio, Zahar, 1971 214p.
- EDUCAÇÃO: OS "MASS-MEDIA" SÃO ALIADOS OU INIMIGOS? *Jornal do Brasil* Rio, 29 abr. 1973 cad. Especial, seção Momento, p. 3.
- ESCOLA — revista mensal da Editora Abril (São Paulo) — n.ºs 0, 2, 6, 7, 10, 14, 16, 17, 19 e 20.
- LEBRET, L. J. *O drama do século XX*. 2. ed. São Paulo, Liv. Duas Cidades, 1962. 208p.
- LIMA, Lauro de Oliveira. *Mutações em educação segundo McLuhan*. Petrópolis, Vozes, 1971. 60p.
- LOPES, S. J., Pe. Fco. Leme [et alii]. *Estudos de problemas brasileiros*. Rio, Biblioteca do Exército/Ed. Renes, 1970. 332p.
- MELO, José Marques de. *Comunicação social: teoria e pesquisa*. Petrópolis, Vozes, 1971. 300p. il.
- PEREIRA, Luiz (org.). *Desenvolvimento, trabalho e educação*. Rio Zahar 1969, 254p. tab.
- REVISTA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL — publicação semestral do Curso de Comunicação Social da UFC — n.ºs 1(1971) e 1 e 2(1972).
- SIMONSEN, Mário Henrique. *Brasil 2002*. Rio, APEC/Bloch, 1972. 178p./tab.
- UNESCO. *Comunicação na era espacial*. Rio, Fundação Getúlio Vargas 1968. 348p.